



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16235 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 08 - Formação de Professores

TRAJETÓRIAS ESTÉTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA
Andrea Garcia Godoy - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TRAJETÓRIAS ESTÉTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Meu ingresso no Mestrado vem sendo acompanhado pelo contínuo movimento de reflexão e aquisição de novos conhecimentos, surgidos principalmente pela necessidade de fundamentação teórico-metodológica no campo das pesquisas narrativas (auto) biográficas, consonante ao caráter vidapesquisaformação (docente) no qual minha pesquisa se insere, tendo como área de interesse as trajetórias estéticas de formação docente e as narrativas advindas de práticas diferenciadas nos/dos cotidianos dos professores em formação.

A busca pela transformação da sociedade tendo como pressuposto filosófico a formação do homem sensível, ampliando a compreensão da existência humana, sempre me mobilizou. De acordo com Ghedin e Franco (2011), a educação é uma prática social humana, envolvida em processo histórico inconcluso, que emerge da dialética entre o homem, o mundo, a história e suas circunstâncias, sendo, portanto, impregnada de especificidades.

Na condição de pesquisadora e ao mesmo tempo sujeito da pesquisa em andamento, buscarei entrecruzar narrativas próprias de minhas vivências no cotidiano escolar, às narrativas surgidas a partir da escuta dialógica com os participantes envolvidos nos territórios da pesquisa, majoritariamente estudantes do Curso de Formação de Professores.

Problematizar a tessitura das relações escolares, bem como materializar a ideia dos círculos de convivência pacífica na escola, sempre me motivou. Lanço mão de uma memória de quando ingressei na Educação Infantil, os chamados “jardins de infância” da época. Anos de ditadura, muita repressão à criatividade, poucos direitos concebidos à infância. “Anos de

chumbo” no Brasil. Ainda assim, tenho lembranças bem nítidas do sentido afetuoso que “fazer a rodinha” rememora em mim. Não me lembro tão bem de quantas “rodinhas” se constituiu minha vida escolar, e não são muitas as memórias de estar em círculos na escola. Ainda assim entre vivências mais lineares ou pouco circulares, percorro minha formação estudantil e sigo para minha escolha profissional com o desejo de dar aulas, familiarizada ainda pelos cotidianos escolares a mim apresentados por minha mãe, professora da educação básica, da rede pública. Ingresso no Curso Normal em nível médio, com muita ênfase nas didáticas de ensino, habilidades artísticas, de escrita perfeita e conteúdos rígidos. Cadeiras enfileiradas, centralidade na figura do professor. No primeiro vestibular prestado, ingressei para o curso desejado, Pedagogia. Lembro do meu entusiasmo pelo mundo de novos desafios e possibilidades de crescimento. Foi na Graduação que tomei contato com o pensamento de Alexander Sutherland Neill, e Summerhill povoou-me por inteiro. Depois, “Skinner X Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação”, geraram debates, trabalhos em grupos, e a crescente simpatia pela teoria humanista e não-diretiva de Carl Rogers. Também na Graduação deu-se meu primeiro contato com Paulo Freire e “Pedagogia do Oprimido”, que chegou semeando em mim as primeiras insubordinações: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (2011, p. 95). Estava certa de que era a corrente humanista em educação era a que alicerçaria meu fazer docente.

Desse encontro com os educadores e teóricos progressistas nasce o desejo de uma docência também libertadora, segundo Freire (2011), uma educação problematizadora, que rompe com esquemas verticais, bancários, consolidando no diálogo a relação “educador-educando com educando-educador” (2011, p. 95). Quase trinta anos de docência na educação básica, entre rede privada e, majoritariamente na rede pública, trabalhando com as classes populares, esse sempre foi meu propósito de vida, de educação, de pesquisa e formação - vidapesquisaformação, que não se dissocia do pessoal, do sujeito que busca para si, ainda segundo Freire (2001), o sentido de se abrir ao mundo e aos outros, em relações dialógicas onde me confirmo inquietude, curiosidade, inconclusão, “em permanente movimento na História. (2001, p. 154)

Como proposta formativa de educação estética para os estudantes do Curso Normal procuro realizar vivências com Danças Circulares, a fim de oportunizar experiências diferenciadas no que diz respeito a construção de círculos de convivência não violenta, de mãos dadas na roda, ampliando espaços de diversidade musical, rítmica, cultural.

Em conclusão a este trabalho, que não se esgota nesse escrito, recorro a Evangelista e Shiroma (2019) para afirmar: “Vamos ver do que somos capazes.”

Palavras-chaves: narrativas, formação docente, dança circular.

REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, O. .; SHIROMA, E. O caráter histórico da pesquisa em educação. *Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa, [S. l.]*, v. 4, p. 1–14, 2019.

DOI: 10.5212/retepe.v.4.020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/14567>. Acesso em: 12 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amelia Santoro. *Questões de Método na Construção da Pesquisa em Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.